

# V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



### PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO CARIRI CEARENSE

Maria de Fatima Oliveira Santos<sup>1</sup>, Naiara Nascimento da Silva<sup>2</sup>, Ízis Carla Candido Borges<sup>3</sup>, José Pereira de Sousa Sobrinho<sup>4</sup>

**Resumo:** O processo de precarização em Educação Física traz em seu contexto histórico as transformações no mundo do trabalho. O presente estudo se propõe examinar a precarização do trabalho na Educação Física no Cariri cearense de docentes formados pela Universidade Regional do Cariri. Tomamos como base de análise da realidade o materialismo histórico-dialético. Os dados demonstraram que 72,7% dos pesquisados trabalham no campo escolar, 4,5% no campo não-escolar e 22,7% em ambos locais. Sendo que maioria 59,1% afirmou trabalhar 5 dias semanais. No tocante a duração média da jornada de trabalho diária, incluindo tempo de locomoção, 27,3% trabalham de 10 a 12 horas, 18,2% tem uma jornada de 8 a 10 horas e 9,1%. Além disso, 72,7% revelaram que levam trabalho para casa. Em relação se o salário condiz com a jornada 68,2% revelaram que não. A realidade dos professores de educação física é, portanto, marcada pela precarização do trabalho expressa na flexibilização dos direitos extensão e intensificação da jornada de trabalho ajustáveis às demandas flexíveis do mercado.

**Palavras-chave:** Educação Física. Precarização. Trabalho.

#### 1. Introdução

O processo de precarização em Educação Física traz em seu contexto histórico as transformações no mundo do trabalho, que nas últimas quatro décadas vem acarretando na ruptura no padrão de acumulação taylorista-fordista, essa influencia diretamente as formas de trabalho incluindo a atuação dos trabalhadores da Educação Física.

Segundo Antunes (2018), esse movimento acelerou a partir de 2008, em meio a uma crise mundial, na qual a regulação, contratação social, emprego regular são corroídos pela desregulamentação provada pela expansão da terceirização e da informalidade, gerando precariedade no trabalho, resultando em aumento da produtividade e da competitividade entre os trabalhadores.

Dessa forma, Silva (2019) coloca que o trabalho advindo do modelo de produção toyotista, alinhado a reestruturação produtiva, favorece cada vez mais o processo de redução do trabalho estável ao mesmo passo que aumenta o trabalho precarizado.

---

1 Universidade Regional do Cariri, e-mail: [mariaoli9627@gmail.com](mailto:mariaoli9627@gmail.com)

2 Universidade Regional do Cariri, e-mail: [naiara.limasilva23@gmail.com](mailto:naiara.limasilva23@gmail.com)

3 Universidade Regional do Cariri, e-mail: [izis.borges@urca.br](mailto:izis.borges@urca.br)

4 Universidade Regional do Cariri, Orientador, e-mail: [jose.pereira@urca.br](mailto:jose.pereira@urca.br)

# V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



Tais formas de trabalho, que a classe trabalhadora em Educação Física enfrenta, é resultado das mais diversas demandas e explorações por parte do sistema capitalista.

### 2. Objetivo

Examinar a precarização do trabalho na Educação Física no Cariri cearense de docentes formados pela Universidade Regional do Cariri.

### 3. Metodologia

Tomamos como base de análise da realidade o materialismo histórico-dialético, a partir do qual formulamos o questionário como um dos instrumentos de pesquisa. O universo de pesquisa englobou os alunos do curso de Educação física da Universidade Regional do Cariri. Da graduação criada em 2003, analisamos os anos entre 2007 e 2009, foram 68 discentes concludentes, segundo a lista de colação de grau fornecida pelo DEG da Universidade. Esses alunos englobam as quatro primeiras turmas a concluírem a referida graduação na URCA.

Entramos em contato com 25 graduados da lista. Dos quais, 3 já tinham migrado para outra área. Portanto, 22 graduados em Educação Física da URCA participaram da pesquisa respondendo ao questionário.

Esses 22 correspondem ao total de 32,6% dos formados no período. Dos quais 50% são mulheres (idade=36±3,0 anos) e 50% homens (idade=35, 2±3,7) com amostra adquirida de forma igualitária, ou seja, para ambos os sexos.

### 4. Resultados

No caso do trabalho dos professores de Educação Física, os principais fatores de precarização estão associados as condições de trabalho com jornada intensa, trabalho irregular e remuneração insuficiente.

A pesquisa demonstrou que 72,7% dos pesquisados trabalham no campo escolar, 4,5% no campo não-escolar e 22,7% em ambos locais.

Verificamos que a maioria atua na área escolar, possivelmente relacionado ao período de formação que possibilitou na época o ingresso em concursos para exercer o magistério e não ao campo informal. Porém, há indicações que os professores estão tendo uma ampliação na jornada de trabalho.

Quando questionados sobre quantos dias trabalha semanalmente 59,1% afirmaram trabalhar 5 dias semanais. No tocante a duração média da jornada de trabalho diária, incluindo tempo de locomoção, 27,3% trabalham de 10 a 12 horas, 18,2% têm uma jornada de 8 a 10 horas e 9,1% afirmaram ter uma jornada de 12 a 14 horas diárias. Além disso, 72,7% revelaram que levam trabalho para casa.

Nessas amostras, uma pequena porcentagem trabalha de 4h a 6h diárias, sendo que o restante exerce uma jornada mais prolongada no ambiente de trabalho, além disso, por necessitar exercer trabalho extradomiciliar a carga horária estendesse em torno de 4h a 5h fora do ambiente de trabalho.

# V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



Quando foram indagados acerca das condições salariais, se são condizentes com sua formação e jornada de trabalho, 68,2% afirmaram que não são condizentes e 31,8% afirmaram que condiz com sua formação e sua jornada.

Contudo, a medida que os entrevistados indicaram que esse salário não é condizente com o volume da sua carga horária e sua formação demarcam que a precarização do trabalho não é uma exclusividade do ambiente não-escolar. Destacando que mesmo no campo escolar os trabalhadores de educação física não estão excluídos da precarização do trabalho.

Segundo Benfatti e Dantas (2017), a precarização e intensificação se relacionam com o estabelecimento de metas nas organizações, os inúmeros empregos que os trabalhadores buscam para garantir a manutenção da vida, as quais, muitas vezes, são bastante prejudiciais e cruéis aos trabalhadores. Tais condições são caracterizadas pela flexibilização, intensificação, precarização e desregulamentação das condições de trabalho. Sendo essa intensificação laboral tão presente na contemporaneidade é vista pelo capitalista como uma forma de manutenção do capital para adquirir mais lucro, aumenta a produtividade, fazendo que cada vez mais os trabalhadores se esforcem além dos seus limites, submetendo-se às precárias condições de trabalho.

Para Benfatti e Dantas (2017), a intensificação e precarização laboral é um traço característico do capitalismo e tem levado ao consumo desmedido das energias físicas e mentais dos trabalhadores. Assim, percebemos que a insegurança gerada pelo medo do desemprego faz as pessoas se submetam a regimes e contratos de trabalho precários, recebendo baixos salários e arriscando sua vida em ambientes insalubres, ou seja, tornando o trabalho um gerador de estresse e sofrimento.

As diversas transformações que ocorreram no trabalho ao longo da história atingiram todos os seus ramos, entre os quais podemos citar o trabalho docente, o qual também foi marcado pelas novas exigências de produtividade, trazendo uma sobrecarga de trabalho, vistas pelas condições precárias de ensino e exigência de uma excelência ao magistério (GASPARINI, BARRETO e ASSUNÇÃO, 2016).

O projeto de educação e trabalho docente gestado nos últimos 30 anos caminha na contramão do projeto de profissionalização docente previsto na LDB de 1996, promovendo um modelo de escola marcada pela:

(...) intensificação do trabalho (ampliação do papel profissional com novas tarefas e desafios), precarização do trabalho, falta de apoio e partilha com os colegas, pressões e cobranças do entorno escolar, organização da escola e do trabalho que dificulta vínculos necessários, pouca participação nas decisões de ensino, excesso de burocracia, controle externo do trabalho, falta de apoio pedagógico e reconhecimento do trabalho pelas instâncias superiores, escassez de recursos materiais, falta de incentivo ao aprimoramento e dificuldade para admitir aos colegas os problemas com a profissão. (GAMA apud PENTEADO; SOUSA NETO, 2019, p. 142)

Ou seja, a lógica de gestão escolar é marcada pelo controle externo ao trabalho; intensificação da jornada; individualização do trabalho – pela

# V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão”



responsabilização do professor, execução das atividades pedagógicas, solucionando barreiras estruturais para atingir metas quantitativas e qualitativas –, e a quebra dos laços de solidariedades entre os trabalhadores da educação.

Para Furtado e Santiago (2015), a precarização se relaciona com a necessidade de obtenção de condições dignas de vida. Muitas vezes, os professores se submetem a uma sobrecarga de trabalho em busca de uma garantia mínima de rendimentos que atendam às suas necessidades.

É importante frisar que a tendência é que professores com menos tempo de formação assumam no mercado de trabalho os piores postos de trabalho. A precarização tem uma dimensão geracional, além de gênero e raça. Por essa razão, afirmamos que é uma tendência entre os professores com mais tempo de formação a busca pelo trabalho regulamentado na escola pública, mediante concurso como saída do trabalho precarizado no ambiente escolar.

Segundo Antunes (2018), em pleno século XXI, mais do que nunca, bilhões de homens e mulheres dependem de forma exclusiva do trabalho para sobreviver e encontram, cada vez mais, situações instáveis, precárias ou vivenciam diretamente o flagelo do desemprego. O capitalismo encontra brecha para sempre está se fortalecendo, sendo uma das principais estratégias a destruição dos direitos, individualidade e a competitividade. Desse modo, a nova estrutura do trabalho caracterizada pela precariedade estrutural, tripé para a intensificação da força de trabalho e sustação da economia. Como Antunes (2018) aborda, essa instabilidade recria novas modalidades de trabalho informal, intermitente, precarizado, “flexível”, empobrecendo ainda mais os níveis de remuneração daqueles que se mantêm trabalhando.

Por sua vez, outro indício dos números são que mesmo estando no ambiente escolar, uma parte desses trabalhadores continuam ampliando sua jornada como complemento de renda com atividades no ambiente não-escolar. O trabalho nas academias e clubes desportivos, o personal trainer, marcado pela precariedade do trabalho desregulamentado, surge como complemento de renda. Indica que mesmo os professores que adentraram a escola ainda estão sujeitos ao trabalho precário do ambiente não-escolar.

Nesse sentido, o que chamamos de precarização do trabalho se trata da constituição de um patamar menor dos níveis de reprodução social dos trabalhadores ou uma ampliação dos patamares de exploração do trabalho com a redução do valor da força de trabalho. Se concretiza com a alteração na forma de sociabilidade do capitalismo contemporâneo, flexibilização das relações de trabalho, marcada: 1) “diminuição drástica das fronteiras entre atividade laboral e espaço da vida privada”; 2) desmonte da legislação trabalhista; 3) diferentes formas de contratação da força de trabalho; 4) existência do desemprego estrutural; 5) “densificação da jornada de trabalho”; 6) jornada de trabalho ajustável às demandas flexíveis do mercado; 7) salário variável, “subordinado ao cumprimento de metas de produção e ‘qualidade’” (ANTUNES, 2018, p. 141).

Como persiste a combinação entre trabalho intenso no ambiente escolar e jornada ampliada no ambiente não-escolar, a precarização resulta em uma atividade de trabalho, na qual prevalece a neutralização da mobilização coletiva

# V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



contra o sofrimento, dominação e a alienação, estratégia defensiva do silêncio e individualismo.

Nesse ambiente, a forma de trabalho que prevalece é precarizada, provocando aumento do sofrimento subjetivo acarretado pela sobrecarga de trabalho, estresse e salários baixos, resultando em inúmeras doenças e síndromes que acometem os professores no cotidiano do trabalho.

### 5. Conclusão

A realidade dos professores de Educação Física é, portanto, marcada pela precarização do trabalho expressa na flexibilização dos direitos, extensão e intensificação da jornada de trabalho ajustáveis às demandas flexíveis do mercado.

### 6. Agradecimentos

PIBC/FUNCAP e Grupo de Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer-GPEEL.

### 7. Referências

ANTUNES, Ricardo L. **O Privilégio da Servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital, Ed. Boitempo, 2018.

BENFATTI, Xênia Diógenes; DANTAS, Luana Maria Rodrigues. A intensificação e precarização do trabalho: um estudo bibliográfico sobre seu sentido na contemporaneidade. **Rev. Humanidades**, Fortaleza, v. 32, n. 1, p. 82-93, 2017.

FURTADO, Roberto Pereira; SANTIAGO, Lorena Paes. Educação Física e trabalho: considerações a respeito da inserção profissional de egressos da FEF-UFG. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v.29, n°2, p. 325-36, 2015

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Revista Cad. Saúde Pública**, v. 22, n. 12, pp. 2679-2691, 2006.

PENTEADO, Regina Zanella e SOUSA NETO, Samuel de. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Revista Saúde Sociedade**, São Paulo, v.28, n.1, p.135-153, 2019.

SILVA, Amanda Moreira da. A uberização do trabalho docente no brasil: uma tendência de precarização no século XX. **Revista Trabalho Necessário**, v.17, nº 34, p. 229-251, 2019.